

# A Criança Surda e sua Inclusão na Educação Infantil: As Interações Sociais no Espaço do Recreio

## Autores

---

Renato de Souza Barbeti

## Orientador

---

Maria Cecília Rafael de Goes

## Apoio Financeiro

---

Pibic

## 1. Introdução

---

Entendemos que o estudo do espaço do recreio é relevante porque pode contribuir para a ampliação de conhecimentos sobre a rede de condições em que a inclusão está sendo concebida e implementada, e por tratar-se de um ambiente diferente da sala de aula, geralmente privilegiado na discussão de propostas inclusivas.

A abordagem bilíngüe é uma corrente na educação dos surdos que defende que os surdos aprendam como primeira língua a língua de sinais e adquiram como segunda língua aquela do grupo majoritário ouvinte (no caso do Brasil trata-se da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS – e a Língua Portuguesa, na modalidade oral e/ou escrita).

É importante, entretanto, lembrar o apontamento crítico de Skliar (1999), que se refere à necessidade de que a educação bilíngüe deve ir além de propiciar o domínio de duas línguas, pois envolve o fator político de permitir ao surdo o enfrentamento da dominação dos ouvintes sobre os surdos (“ouvintismo”), [ou seja, a imposição lingüística e cultural que trata o surdo e sua comunidade como inferiores. Trata-se de um projeto que busca transformações ideológicas das visões sobre a surdez.](#)

Na perspectiva histórico-cultural de Vygotsky (2003), o homem se constitui a partir das relações sociais, ou seja, sua formação se dá na interação com os outros e essa interação se dá fundamentalmente mediada pela linguagem. Então, a mediação semiótica, em especial a da linguagem verbal ou da palavra, cumpre um papel crucial na constituição do indivíduo. Por isso, é clara a importância de propiciar aos surdos à imersão em experiências de linguagem, por meio de interações sociais em língua de sinais, o que contribuirá para

sua aprendizagem da língua falada e escrita.

Para uma educação bilíngüe, a escola deve oferecer intérpretes de língua de sinais, educadores surdos e professores ouvintes que sejam usuários da língua de sinais e capacitados para o ensino do português como segunda língua, e precisa também elaborar um currículo que respeite a diferença da surdez, para os surdos identificarem-se com a cultura de sua comunidade e não somente com a cultura dos ouvintes.

---

Este termo se refere a forma de colonização dos ouvintes sobre os surdos, onde estes são vistos como inferiores, primitivos e incompletos (SKLIAR, 1999 p.7).

## **2. Objetivos**

---

Pretendemos focalizar crianças surdas incluídas numa instituição de educação infantil (EMEI) da rede pública de Piracicaba e analisar o lugar social que elas ocupam na rede de relações interpessoais em situações recreativas do horário de parque ou recreio, através das atividades que desenvolvem e dos modos como os outros (crianças e adultos) interagem com elas.

## **3. Desenvolvimento**

---

### **SUJEITOS FOCAIS**

4 a 5 anos de idade. 6 a 7 anos de idade. Os surdos dessa classe são dois meninos e uma menina.

## **4. Resultados**

---

### **A. AS BRINCADEIRAS DAS CRIANÇAS NO RECREIO**

Em termos de tipos de atividades, as crianças surdas preferem o seu grupo de “iguais” em algumas brincadeiras, especialmente no jogo simbólico; neste caso, talvez a própria demanda comunicativa para concatenar acontecimentos imaginários faça com que a criança procure seu “semelhante”, com o qual pode entender-se bem, condição indispensável para “fazer de conta”. Essa interpretação vale igualmente para os alunos ouvintes.

A questão de pertencimento ao grupo é importante para qualquer criança, mas esses movimentos de congregação dos surdos têm uma especificidade para formação da sua subjetividade, que eles precisam constituir-se e significar-se como indivíduo surdo e não apenas como “não ouvinte” ou “deficiente auditivo”. Por essa razão, julgamos que as indicações de preferência por algumas brincadeiras entre semelhantes não sejam, em si, indício de segregação ou uma manifestação indesejável para a inclusão escolar. Essa visão simplificaria demais os processos implicados.

## B. O PAPEL DOS ADULTOS NAS INTERAÇÕES E ATIVIDADES DO RECREIO

Os dados sobre as interações das crianças levam a considerar especialmente como está sendo a participação dos adultos no recreio. Usualmente em creches e escolas, eles ficam em posição de observação e intervêm quando as crianças estão correndo algum perigo, desrespeitam regras ou solicitam sua atenção. Ainda que eventualmente incentivem alguma brincadeira ou parceria, os adultos atuam, portanto, como cuidadores-supervisores. Durante as atividades de parque esse é o papel exercido pela professora e pela intérprete; portanto, deslocam-se dos papéis que assumem em sala de aula. No caso da intérprete, ela atua como tal apenas se for solicitada, ou se dispuser a intervir em alguma brincadeira, o que foi observado apenas ocasionalmente. Quando alguma criança surda procura os adultos e a intérprete não está presente, é comum que a professora não entenda o que a criança está querendo dizer. Ela tenta falar e, naturalmente, não é compreendida; então, procura fazer algo para “compensar”, como pegar a criança no colo ou enunciar um sinal (por ex. /BRINCAR/) para encorajá-la a voltar junto aos colegas.

Assim, constatamos a falta de um adulto bilíngüe atuante durante o recreio, mesmo que ele atue simplesmente como cuidador. Como apontam Góes & Tartuci (2002), na sala de aula as crianças surdas, se tratadas de maneira uniforme em relação aos ouvintes, acabam desenvolvendo comportamentos de imitação dos ouvintes, seguindo apenas os rituais, os scripts da classe. No presente estudo, isso pode ocorrer em parte; mas não há rituais comparáveis no caso do recreio, de maneira que, apesar de imitar o ouvinte, a criança surda fica muitas vezes sem uma verdadeira compreensão das situações.

Quanto ao educador surdo foi observada em raras situações, conforme esclarecido na Metodologia, durante

o semestre ele não pôde ter uma presença regular em razão de problemas de saúde. Entretanto, nas raras observações de sua participação, pareceu-nos que ele era referência para as crianças surdas e que essas sempre buscavam envolvê-lo nas brincadeiras. Quando o educador surdo estava presente, ele participava das brincadeiras, dava explicações e censurava o comportamento das crianças se necessário. Porém, não podemos discutir efetivamente seu papel devido à insuficiência dos registros suficientes; por exemplo, se encorajava ou não a interação surdo-ouvinte ou quais brincadeiras incentivava etc. Mas podemos inferir, justamente por sua ausência, que sua participação no recreio seria fundamental para as crianças surdas, no que concerne a mal-entendidos de comunicação, negociações, resoluções de conflitos etc., além de coloca-se como uma referência surda num ambiente distinto daqueles de sala de aula.

## 5. Considerações Finais

---

Entendemos que a participação dos adultos no recreio é complexa, e não queremos aqui sugerir “soluções” para o problema, nem responsabilizar uma ou outra instância. No entanto, conforme apontado na análise dos episódios, a falta de um adulto bilíngüe traz prejuízos para a interação das crianças surdas.

Na realidade brasileira, as crianças surdas chegam à escola sem saberem a língua de sinais. É comum que ali iniciem a aquisição da LIBRAS. É o que acontece na escola em questão, onde aprendem LIBRAS com um adulto surdo e podem interagir em LIBRAS com a intérprete. A vivência da LIBRAS oferecida pela equipe desse programa inclusivo bilíngüe é a possível, dentro das condições existentes. Mas, parece-nos, o período do recreio, com atividades descontraídas, brincadeiras, jogos e conversas seria um espaço propício para ampliar as oportunidades para essa aquisição, além daquelas já previstas (sala de aula e oficinas).

De modo geral, consideramos o recreio um espaço muito rico para o desenvolvimento da criança. E o recreio de um projeto inclusivo para surdos, é um espaço diferenciado, onde brincam e interagem crianças que utilizam duas línguas diferentes. Faz-se necessário, portanto, um acompanhamento mais atento por parte dos educadores, logicamente não negligenciando a necessidade das crianças de desfrutarem de brincadeiras livres. Então, finalizando, dentro do programa dessa escola, seria importante estabelecer orientações e iniciativas para que o recreio seja um espaço “mais” bilíngüe, oferecendo possibilidades ampliadas para o desenvolvimento da criança surda.

## Referências Bibliográficas

---

BAHKTIN, Mikhail. (VOLOCHINOV). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 11<sup>o</sup> ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

GÓES, Maria Cecília Rafael; TARTUCI, Dulceria. Alunos surdos na Escola Regular: As Experiências de Letramento e os Rituais da Sala de Aula. In: LODI, Ana Cláudia Balieiro et al (orgs). **Letramento e Minorias**. Porto Alegre: Mediação, 2002.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa. **Os processos dialógicos entre aluno surdo e educador ouvinte: Examinando a construção de conhecimentos**. Tese de Doutorado, UNICAMP: Campinas, 1996.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa. A prática pedagógica mediada (também) pela língua de sinais: Trabalhando com sujeitos surdos. **Caderno Cedes** v.20 n.50 Campinas, abril 2000.

SKLIAR, Carlos. A localização política da educação bilíngüe. In: SKLIAR, Carlos (org). **Atualidade da educação bilíngüe para surdos**. Porto Alegre: Mediação, 1999.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. 2º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.